

1

Não ventava muito, por isso os navios iam se arrastando rio acima. Eram dez: cinco navios de guerra escoltando cinco embarcações de transporte, e a maré agitada fazia mais para carregá-los em direção ao norte do que a brisa espasmódica. Havia parado de chover, mas as nuvens estavam baixas, cinzentas e sinistras. A água pingava lentamente das velas e dos cordames.

Havia pouco a se ver no horizonte, ainda que todas as amuradas estivessem cheias de homens olhando as margens do rio que se alargava até formar um grande lago interior. Os morros ao redor do lago eram baixos e cobertos de árvores, enquanto a margem era intrincada com riachos, promotórios, ilhas cobertas de mato e pequenas praias pedregosas. Aqui e ali, em meio às árvores, existiam espaços abertos onde troncos eram empilhados ou então uma cabana de madeira se erguia junto a um pequeno milharal. A fumaça subia dessas clareiras e alguns homens a bordo dos navios imaginavam se os fogos distantes seriam sinais para alertar o território sobre a chegada da frota. As únicas pessoas que eles viram foram um homem e um garoto pescando em um pequeno barco aberto. O garoto, que se chamava William Hutchings, acenou empolgado para os navios, mas seu tio cuspiu.

— Lá vêm os diabos — disse ele.

Os diabos estavam, em sua maioria, silenciosos. A bordo do maior navio de guerra, uma fragata de 32 peças chamada Blonde, um diabo de casaca azul e bicorne coberto com oleado baixou seu

telescópio. Franziu a testa pensativamente para a floresta escura e silenciosa pela qual seu navio passava.

— Para mim — disse ele — isso parece a Escócia.

— Parece mesmo — respondeu cautelosamente seu companheiro, um diabo de casaca vermelha. — Certamente há uma semelhança.

— Porém tem mais florestas do que a Escócia, não é?

— Muito mais — disse o segundo homem.

— Mas é parecido com a costa oeste da Escócia, não diria?

— Não é diferente — concordou o segundo diabo. Tinha 62 anos, era um tanto baixo, com um rosto astuto gasto pelo tempo. Era um rosto gentil com olhos azuis, pequenos e brilhantes. Tinha sido soldado por mais de quarenta anos e, nesse tempo, passara por uma quantidade de batalhas duras que o deixaram com o braço direito quase inútil, uma ligeira coxeadura e uma visão tolerante quanto à humanidade pecadora. Seu nome era Francis McLean e era general-de-brigada, escocês, oficial comandante do 82o regimento de infantaria de Sua Majestade, Governador de Halifax, e agora, pelo menos segundo os ditames do Rei da Inglaterra, governador de tudo que examinava a partir do tombadilho superior do Blonde. Estava a bordo da fragata havia 13 dias, o tempo necessário para realizar a viagem desde Halifax, na Nova Escócia, e sentia uma pontada de preocupação de que a duração do percurso pudesse significar má-sorte. Imaginou se teria sido melhor fazê-la em 14 dias, e tocou disfarçadamente a madeira da amurada. Havia um destroço queimado na margem leste. Aquilo já fora um eficiente navio capaz de cruzar um oceano, mas agora não passava de costelas de madeira queimada meio encobertas pela maré que carregava o Blonde rio acima. — A que distância estamos do mar aberto? — perguntou ao capitão da embarcação, de uniforme azul.

— Vinte e seis milhas náuticas — respondeu rapidamente o capitão Andrew Barkley. — E ali — ele apontou por cima da proa a estibordo e para além da serviola com cabeça de leão, onde uma das âncoras da fragata estava suspensa — é o seu novo lar.

McLean pegou emprestado o telescópio do capitão e, usando o desajeitado braço direito como apoio para os tubos, apontou-o

para a frente. Por um instante os pequenos movimentos do navio o derrotaram, de modo que só conseguiu vislumbrar um borrão de nuvens cinzas e água escura e carrancuda, mas firmou-se até ver que o rio Penobscot se alargava até formar o grande lago que o capitão Barkley chamava de baía de Penobscot. A baía, pensou McLean, era na verdade um grande braço de mar que, como ele sabia a partir do estudo dos mapas de Barkley, tinha cerca de 13 quilômetros de leste a oeste e 5 quilômetros de norte a sul. Um porto se abria na sua margem leste. A boca do porto era ladeada por rochas, enquanto no lado norte havia um morro coroadado por árvores densas. Um povoado se localizava na encosta sul desse morro; mais de vinte casas e celeiros de madeira se espalhavam entre plantações de milho, canteiros de legumes e verduras e pilhas de lenha. Um punhado de barcos de pesca estava ancorado no porto, junto com um pequeno brigue que McLean presumiu que fosse uma embarcação mercante.

— Então isso é Majabigwaduce — disse baixinho.

— Soltar velas de gávea! — gritou o capitão. — Ordene que a frota fique à capa. Vou incomodá-lo para que sinalize pedindo um piloto, senhor Fennel!

— Sim, senhor!

De repente a fragata fervilhou com homens correndo para soltaras velas.

— Aquilo é Majabigwaduce — disse Barkley num tom indicativo de que considerava o nome tão risível quanto o lugar.

— Canhão número um! — gritou o tenente Fennel, provocando outra corrida de homens para o canhão mais à frente a estibordo.

— O senhor tem alguma ideia do significado de Majabigwaduce? — perguntou McLean ao capitão.

— Do significado?

— O nome quer dizer alguma coisa?

— Não faço ideia, não faço ideia — respondeu Barkley, aparentemente irritado com a pergunta. — Agora, senhor Fennel!

O canhão, carregado e com bucha, mas sem bala, foi disparado. Houve um coice fraco, mas o som pareceu extremamente alto e a nuvem de fumaça envolveu metade do convés do Blonde. O som se

esvaiu, depois foi ecoado de volta pela margem, antes de sumir pela segunda vez.

— Agora deveremos descobrir alguma coisa, não? — perguntou Barkley.

— O quê? — indagou McLean.

— Se eles são leais, general, se são leais. Se foram infectados pela rebelião, dificilmente fornecerão um piloto, não é?

— Imagino que não — respondeu McLean, apesar de suspeitar que um piloto desleal poderia muito bem servir à sua causa guiando o HMS Blonde na direção de uma pedra. Havia muitas delas rompendo a superfície da baía. Numa delas, a menos de 50 passos da amurada de bombordo da fragata, um cormorão abriu as asas escuras para secá-las.

Esperaram. O canhão fora disparado, o sinal costumeiro pedindo um piloto, mas a fumaça impedia que qualquer pessoa a bordo visse se o povoado de Majabigwaduce responderia. Os cinco navios de transporte, quatro chalupas e uma fragata deslizavam rio acima com a maré. O barulho mais alto eram os gemidos, os chiados e o som de água espirrando na bomba de uma chalupa, a HMS North. A água esguichava ritmicamente a partir da ponta de um tubo de olmo preso ao casco enquanto os marinheiros a bombeavam no porão.

— Ele deveria ser desmanchado para fazer lenha — disse azedamente o capitão Barkley.

— Não há como remendar? — perguntou McLean.

— A madeira está podres. É uma peneira. — Pequenas ondas batiam no casco do Blonde, e a bandeira azul em sua popa balançava devagar ao vento espasmódico. Nenhum barco apareceu, por isso Barkley ordenou que o canhão sinalizador disparasse uma segunda vez. O som ecoou e sumiu de novo e, justamente quando Barkley estava pensando em levar a flotilha para o porto sem a ajuda de um piloto, um marinheiro gritou do topo do mastro de vante.

— Barco vindo, senhor!

Quando a fumaça da pólvora se dissipou, os homens no Blonde viram um pequeno barco aberto que de fato vinha bordejando do porto. A brisa do sudoeste era tão fraca que as velas castanhas mal

conseguiram levar a embarcação contra a maré, de maneira que um rapaz usava dois remos compridos. Assim que chegou à baía mais ampla ele pôs os remos dentro do barco e caçou tanto as velas que o barquinho foi se aproximando lentamente da flotilha. Havia uma garota sentada junto à cana do leme, e ela guiou a pequena embarcação até o flanco de estibordo do Blonde, onde o rapaz saltou agilmente para os degraus que levavam ao tombadilho. Era alto, louro, com mãos calejadas e enegrecidas pelo manuseio de cordas e redes de pesca alcatroadas. Usava calções de pano feito em casa e um casaco de lona, tinha botas desajeitadas e um gorro de tricô. Subiu ao convés, depois gritou para a garota embaixo:

— Cuide bem dele, Beth!

— Parem de ficar olhando de boca aberta, seus desgraçados cabeças-de-pudim! — gritou o contramestre para os marinheiros que espiavam a garota loura. Ela usou um remo para afastar o escaler do casco da fragata.

— Você é o piloto? — perguntou o contramestre ao rapaz.

— James Fletcher — respondeu ele — e acho que sou, mas o senhor não precisa de piloto. — Ele riu enquanto andava na direção dos oficiais na popa do Blonde. — Algum dos senhores tem tabaco? — perguntou enquanto subia a escada de tombadilho até o convés de popa. Foi recompensado com silêncio até que o general McLean enfiou a mão no bolso e pegou um curto cachimbo de barro, com o forninho já enchido com tabaco.

— Isso basta? — perguntou o general.

— Está perfeito — respondeu Fletcher, agradecendo, depois tirou o chumaço de fumo do forninho e enfiou-o na boca. Devolveu o cachimbo vazio ao general. — Não tenho tabaco há dois meses — explicou, depois assentiu com familiaridade para Barkley. — Não existem realmente perigos em Bagaduce, capitão, desde que o senhor fique longe de Duce's Head, está vendo? — Ele apontou para o morro coroadado de árvores no lado norte da entrada do porto. — Ali há pedras. E mais outras perto da ilha Cross, do outro lado. Mantenha o navio no centro do canal e vai estar em segurança total.

— Bagaduce? — perguntou o general McLean.

— É como nós chamamos aqui, excelência. Bagaduce. É mais fácil de dizer do que Majabigwaduce. — O piloto riu, depois cuspiu sumo de tabaco nas pranchas muito limpas do Blonde. O silêncio dominou tombadilho superior enquanto os oficiais olhavam a mancha escura.

— Majabigwaduce significa alguma coisa? — perguntou McLean rompendo o silêncio.

— Grande baía com grandes marés — respondeu Fletcher. — Pelo menos é o que meu pai sempre dizia. Claro que é um nome indígena, de modo que pode significar qualquer coisa. — O rapaz olhou ao redor do convés da fragata, com evidente apreciação. — Dia empolgante, esse — observou afável.

— Empolgante? — perguntou o general McLean.

— Phoebe Perkins está esperando um bebê. Todos nós achávamos que ele já teria caído de dentro dela, mas não caiu. E vai ser uma menina!

— Como você sabe? — perguntou o general McLean, achando graça.

— Phoebe já teve seis bebês e todos são meninas. O senhor deveria disparar outro tiro de canhão, capitão, para espantar essa novinha de dentro dela!

— Senhor Fennel! — gritou o capitão Barkley através de um tom de trombeta. — Caçar velas, por favor.

O Blonde ganhou ímpeto.

— Leve-o — disse Barkley ao timoneiro, e assim o Blonde, o North, o Albany, o Nautilus, o Hope e os cinco transportes que eles escoltavam chegaram a Majabigwaduce. Aportaram em segurança e ancoraram. Era 17 de junho de 1779 e, pela primeira vez desde que tinham sido expulsos de Boston em março de 1776, os ingleses estavam de volta em Massachusetts.

A cerca de 300 quilômetros a oeste e um pouco ao sul de onde os diabos chegaram, o general-de-brigada Peleg Wadsworth desfilava com seu batalhão na praça da cidade. Apenas 17 pessoas estavam presentes, e nenhum deles poderia ser descrito como correto. O mais novo, Alexander, tinha 5 anos, e os mais velhos eram as gêmeas

Fowler, de 12, Rebecca e Dorcas, e todos olhavam sérios para o brigadeiro, que tinha 31.

— O que quero que vocês façam — disse o general — é marchar em fila única. Quando eu der a palavra de ordem vocês param. Qual é a palavra de ordem, Jared?

Jared, que tinha 9 anos, pensou um segundo.

— Alto?

— Muito bem, Jared. Depois disso a próxima ordem será “preparar para formar fileira”, e vocês farão nada! — O brigadeiro espiou com solenidade sua tropa diminuta que estava numa coluna de marcha virada para o norte. — Entendido? Farão nada! Depois vou gritar para as companhias um, dois, três e quatro virarem à esquerda. Essas companhias — e ali o general andou pela linha indicando que crianças compunham as quatro companhias da frente — são a ala esquerda. O que você é, Jared?

— A ala esquerda — disse Jared, balançando os braços.

— Excelente! E vocês — o general andou pelo resto da linha — são as companhias cinco, seis, sete e oito, a ala direita, e vão virar à direita. Então darei a ordem para virar para a frente e vocês viram. Depois vamos girar em contra-marcha. Alexander? Você é o porta-bandeira, por isso não se move.

— Quero matar um casaca-vermelha, papai — implorou Alexander.

— Você não se move, Alexander — insistiu o pai do porta-bandeira, depois repetiu tudo que havia dito. Alexander estava segurando uma vara comprida que, nas circunstâncias, substituía a bandeira americana. Ele apontou-a para a igreja e fingiu atirar em casacas-vermelhas, por isso teve de ser empurrado de volta para a coluna que concordou, individualmente e em conjunto, que tinham entendido o que o ex-professor de escola queria que fizessem. — Agora lembrem-se — encorajou Peleg Wadsworth — de que quando eu der a ordem de girar em contra-marcha vocês marcharão na direção para onde estão virados, mas girarão como o ponteiro de um relógio! Quero ver vocês girarem com suavidade. Estamos todos prontos?

Um pequeno grupo havia se reunido para olhar e aconselhar.

Um homem, pastor visitante, ficara pasmo ao ver crianças tão pequenas aprendendo as rudes manobras militares e havia censurado o general Wadsworth por isso, mas o brigadeiro garantiria ao homem de Deus que não eram as crianças que estavam sendo treinadas, e sim ele próprio. Desejava entender exatamente como uma coluna de companhias se organizava numa linha regimental capaz de destruir um inimigo com o fogo de mosquetes. Era difícil avançar tropas em linha porque uma longa fila de homens inevitavelmente perdia o rumo e a coesão e, para evitar isso os homens deviam avançar em companhias, uma atrás da outra. Mas uma coluna assim ficava fatalmente vulnerável ao fogo dos canhões e se tornava praticamente incapaz de usar a maior parte de seus mosquetes, de modo que a arte da manobra era avançar em coluna e depois se organizar rapidamente em fileira. Wadsworth queria dominar esse tipo de exercício, mas como era general da Milícia de Massachusetts, e como os milicianos estavam quase todos em suas plantações ou nas oficinas, estava usando crianças. A companhia da frente, que normalmente teria três fileiras de trinta homens ou mais, aquele dia era composta por Rebecca Fowler, de 12 anos, e seu primo de 9, Jared, ambos crianças inteligentes e, assim esperava Wadsworth, capazes de dar um exemplo que as demais copiariam. A manobra que estava tentando era difícil. O batalhão marcharia em coluna em direção ao inimigo e pararia. As companhias da frente se virariam numa direção, as companhias de trás se virariam na oposta, e então toda a linha giraria em contra-marcha ao redor das bandeiras num eixo suave até que recebesse a ordem de parar. Isso deixaria as quatro primeiras companhias viradas de costas para o inimigo e Wadsworth precisaria ordenar que essas oito crianças dessem meia-volta, e nesse ponto todo o formidável batalhão estaria pronto para abrir fogo. Wadsworth vira regimentos ingleses realizando uma manobra semelhante em Long Island e havia admirado com relutância a precisão e visto por si mesmo a rapidez com que haviam se transformado de uma coluna em uma linha comprida que disparou uma torrente de fogo de mosquete contra as forças americanas.